

A EDUCAÇÃO PARA A VIDA HUMANA

Marli Ferreira Wandscheer – UNOESC

Eixo Temático: Processos do ensino e da aprendizagem

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explicitar a educação como fenômeno próprio do ser humano, parte intrínseca da vida humana, tendo como base os escritos de Maturana. Visa também, compreender a função da educação nas relações e ações humanas. Pretende-se discutir, de um modo geral, o conjunto das atividades educativas incumbidas de transmitir e promover valores éticos e morais, como um processo não-material, que implica em ideias, conceitos, hábitos, habilidades, bem como de compreender e empreender princípios que sejam consagrados à vida de cada ser humano no decorrer de toda a sua existência, auxiliando no processo de transformação desse ser humano. Vários autores nos auxiliam na perspectiva de compreensão do contexto emergente, mostrando um ser humano ausente de compromissos mais longos. Diante desse cenário acredita-se que com a educação, o ser humano pode se construir e firmar culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais quanto espirituais. A educação, em suas diferentes concepções, pode ser o cerne para o desenvolvimento social. Sem ela, acredita-se que até mesmo as sociedades mais avançadas tecnologicamente retornariam à situação de barbárie em pouco tempo. Cabe ao contexto educativo criar um espaço para o ser aprendente, sendo um espaço acolhedor, desafiante, amoroso, e não competidor, exclusivamente. Um espaço no qual o aprendente saiba discernir o que é ilusão, para que possa captar a essência das coisas, da natureza e da vida, tudo isso atrelado ao diálogo contínuo com o ser, interligado com a apreensão da realidade contribuindo na formação do pensamento humano.

Palavras-chave: Educação. Ser humano. Qualidade de vida.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto é um recorte do referencial teórico da Dissertação de Mestrado em Educação, da Linha de Processos Educativos, tendo como temática de estudo: Entrelaçando Atividades Artísticas no Processo de Buscar o Bem estar de Docentes. Tem como proposição de investigar as vivências das atividades artísticas no ambiente escolar com educadores (as) de uma escola pública pertencente à rede municipal de ensino, do município de São Miguel do Oeste, SC. O que nos motivou a realizar este estudo foi o estresse referido pelos professores da educação básica e a necessidade de contribuir com o bem-estar docente e a qualidade de vida educacional. As consequências que os (as) docentes sofrem não se mostram

muito claras, podendo se manifestar num mal-estar difuso, com sentimentos de insatisfação, ausências ou desejo de abandono da profissão, petições de transferência, estresse, doenças fingidas, doenças reais, neuroses, depressão grave e/ou leve, cansaço físico e mental permanente. Diante dessa realidade, propõe-se como problema pesquisa: Como atividades artísticas, de cunho terapêutico, podem contribuir no processo de formação da cultura humana, como proposta educacional de auto-aceitação, consolidado em ações de melhoria na qualidade da convivência?

Para compreender a realidade em que a educação está inserida, pretende-se discorrer sobre a educação para a vida humana, o docente diante do conflito, tentando compreender seus problemas: Como se sente? Qual o significado do problema? Também, buscar algumas soluções: Estou preparado (a) para enfrentar o que me preocupa? Como posso reagir? Qual a melhor solução para todos? Ainda, revisar a atuação: Consegui o que queria? Como posso retificar minha maneira de agir?

2 EDUCAÇÃO COMO FENÔMENO HUMANO

A educação é entendida como fenômeno próprio do ser humano. É parte intrínseca da vida humana. Essa perspectiva de compreensão da educação como mola propulsora de transformações para a vida humana apoia-se em Maturana e Varela (2001), que assegura que a vida é um processo de conhecimento, no qual os seres vivos constroem esse conhecimento, não a partir de uma atitude passiva, e sim pela interação com outras espécies e com o entorno ambiente. “Aprendem vivendo e vivem aprendendo.” (p. 12). Diante desta posição e, na condição de seres biológicos e instintivos, busca-se compreender o processo vivido capaz de transformar um ser biológico num ser humano.

Ao nascer, somos inseridos em um determinado grupo social, no qual existem aspectos culturais, entre outros tantos contextos de envolvimento. Para entender e compreender esses contextos de convivência do ser humano e suas manifestações, buscamos, nas reflexões de Bauman (2007), a compreensão de contextos atuais. A cultura líquido-moderna não se percebe mais como uma cultura do aprendizado e do acúmulo, como outrora registrada nos relatos de historiadores. Parece estarmos vivendo um momento de culturas do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento. Diante das reflexões do autor, pode perceber-se que essas manifestações vêm a contribuir no processo do conhecimento pelo aprender na convivência.

Para uma melhor compreensão do que Bauman aponta em suas ideias, tendo como viés a reflexão educativa, trazemos suas contribuições, em uma entrevista concedida a professora Alba Porcheddu (2009), quando afirma: no mundo líquido-moderno, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vêm sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenuncia um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora. As coisas mais desejadas envelhecem rapidamente, logo perdem o brilho e se transformam, em pouco tempo, de distintivo de honra em marca de vergonha.

Neste contexto tumultuado das relações humanas apresentado por Bauman, e tendo o ato de educar para uma melhor condição de respeito às ações do ser humano, questionamos: Como articular os desejos humanos para esse fim?

Na condição de vir-a-ser humanos, nos educamos na medida em que os nossos desejos vão emergindo, seja no desejo de aprender e de esquecer, seja na busca da sobrevivência. Transformamos o meio ambiente em nosso favor, o que vem diferenciar o ser humano dos outros seres vivos, uma vez que essas transformações têm um fim, uma função, uma consequência. Dessa forma vamos, aos poucos, nos educando para suprir os desejos, o que, muitas vezes, não contribui, e pode até impedir o indivíduo de se fazer gente.

Nas possibilidades apresentadas pelo momento vivenciado, as quais ofuscam os desejos, atitudes e ações do ser humano, Maturana (2005, p. 34-35) assinala que faz-se necessário educar:

Para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver. Ao sermos seres vivos, somos seres autônomos, no viver não o somos.

Diante do exposto por Maturana (2005) e fazendo uma relação com as afirmações sobre o viver atual, apontadas por Bauman, parece importante encontrar outras possibilidades para educar o ser humano, desafiando-o a conviver em harmonia com o outro e com o contexto de mundo cultural, complexo e instável em que vive.

Esse conviver, baseado na interação, no relacionamento com outros humanos, se dá por meio de processos culturais, mediados pela linguagem e visando compreender as ações como seres culturais, como Maturana e Verden-Zöller (2006, p. 36) afirma:

[...] sustento que sempre agimos segundo nossos desejos, mesmo quando parece que atuamos contra algo ou forçados pelas circunstâncias; fazemos sempre o que queremos, seja de modo direto, porque gostamos de fazê-lo, ou indiretamente, porque queremos as conseqüências dessas nossas ações, mesmo que estas não nos agradem. Afirimo, ademais, que se não compreendemos isso não poderemos entender o nosso ser cultural.

A educação pode ser um processo que possibilita a compreensão das relações e das ações humanas. É entendida de um modo geral, como um conjunto de atividades incumbidas de transmitir e promover valores éticos e morais, tornando-se, de certa forma, um processo não-material, que implica em idéias, conceitos, hábitos, habilidades, bem como de compreender e empreender princípios que sejam consagrados à vida de cada ser humano no decorrer de toda a sua existência, auxiliando no processo de transformação desse ser humano.

Esse conjunto de interações e ações do ser humano, citado anteriormente, compõe os contextos culturais. Para compreender esse conjunto de entrelaçamentos culturais, imbricados na vida do ser humano, com suas redes de conversações que transmitem emoção, Maturana e Verden-Zöller (2006, p. 33) sustentam que:

[...] na vida cotidiana, quando falamos de cultura ou de assuntos culturais, é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações. Esta se realiza como uma configuração especial de entrelaçamento do atuar com o emocionar da gente que vive essa cultura. Desse modo, uma cultura é, constitutivamente, um sistema conservador fechado que gera seus membros à medida que eles a realizam por meio de sua participação nas conversações que a constituem e definem.

Ao reconhecer e conviver na participação do contexto de elementos culturais, o ser humano pode configurar-se como mais humano. Pode entender-se, então, que, mudando as conversações, mudamos a cultura, e que, se ela se constituir em diálogos de amor e respeito, teremos uma sociedade que respeita o outro como legítimo outro na convivência.

Nesse processo de respeito pelo outro, provocar o repensar sobre as nossas escolhas, momentos em que os envolvidos possam dividir sentimentos e impressões para a evolução da formação da cultura do ser humano. Nossa existência se faz no coletivo, na sociedade, no grupo.

[...] ao reflexionar sobre nosso viver e os desejos que guiam nosso viver, podemos pensar que isto não é assim, por que às vezes pensamos que fazemos o que nos vemos obrigados a fazer, embora não queiramos fazê-lo; no entanto, o que ocorre é que, nesses casos, o que guia nosso viver é um desejo oculto ou às vezes declarado cuja satisfação requer fazer o que dizemos que não queremos fazer (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 151).

Maturana e Yáñez, (2009) sustentam que todo o viver humano ocorre em redes de conversações, mas que as escolhas, ações e atitudes são somente nossas. E o linguajar¹ e as conversações são meios de recordar significados, atribuir novos conceitos, e, desse modo, podemos não só interpretar, mas interpretar nossas interpretações. Podemos nomear o mundo e, assim, reproduzi-lo dentro da mente. Podemos refletir sobre seu significado e materializar, por meio de ações, mundos melhores. Maturana e Verden-Zöller (2006, p. 31) asseguram; “[...] que o que nos constitui como seres humanos é nossa existência no conversar”. Nesse sentido, o linguajar, sustentado no emocionar pode ser um meio para atingir o nosso modo de existir como seres humanos.

A história da humanidade seguiu e segue os passos do emocionar, dos desejos, das oportunidades, ideias, valores, símbolos, e não de recursos disponíveis. Maturana (2006, p. 179) afirma que: “no fluir de nossas emoções (isto é, em nosso emocionar) nos movemos de um tipo ou classe de comportamentos relacionais para outro. Se mudamos de emoção, vamos de um tipo de comportamentos relacionais para outro”. Todos esses elementos comportamentais de vivências têm significação a partir de sua aceitação, de como são conotados emocionalmente. Desse modo, é o emocionar que orienta o nosso viver, e por que não o meio educativo?

A educação na contribuição de Libâneo (1994, p. 16-17):

A educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social

Desta forma, percebe-se a educação como uma oportunidade para moldar o ser humano junto ao grupo de um determinado contexto. Na visão de Libâneo, para o ser humano

¹ Linguajar. É o fluir em coordenações de coordenações comportamentais consensuais. Quando, numa conversação, muda a emoção, muda também o fluxo das coordenações de coordenações comportamentais consensuais. E vice-versa. Esse entrelaçamento do linguajar com o emocionar é consensual e se estabelece na convivência.

ser aceito em um grupo, seus costumes e valores devem estar de acordo com o mesmo: do contrário, seus atos podem ser considerados inadequados para com o grupo, acarretando problemas de convívio e até mesmo sua exclusão do grupo.

A partir das concepções dos autores acima citados, compreende-se que a educação pode ser uma ação com o objetivo de alavancar as potencialidades comportamentais do ser humano. Isso ocorre num processo em constante formação e construção, como um ser inacabado, mas de movimento, buscando aperfeiçoar as suas ações e atitudes, interesses e valores, diante de realidades das quais se faz partícipe.

Pode-se afirmar que a educação surge quando o ser humano sente o desejo de transformar suas práticas cotidianas em práticas de benefício próprio, ou ao seu semelhante.

Libâneo (2001), em seus escritos, na perspectiva da educação como prática social, compreende-a como conjunto de processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos. Esse desenvolvimento ocorre na relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando sua formação como ser humano. A educação é, para o autor, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que configura sua existência humana individual e grupal.

Ao vivermos as relações com o meio e com os outros seres vivos, seja nos ajustando ou adaptando socialmente, procuramos a conservação do bem-estar em nosso viver, adotando uma postura reflexiva de mundo, respeitando e aceitando a si mesmo e aos outros, sem a premência da competição, Maturana (2005).

Maturana sustenta que o surgimento da responsabilidade e da liberdade para toda ação do viver humano,

[...] surge na reflexão que expõe nosso pensar (fazer) no âmbito das emoções a nosso querer ou não querer as conseqüências de nossas ações, num processo no qual não podemos nos dar conta de outra coisa a não ser de que o mundo que depende de nossos desejos (MATURANA, 2005, p. 34).

Compreender a conceituação de Maturana (2005) é reconhecer nossa constituição como seres biologicamente culturais. Nesse contexto, deseja que tenhamos um mundo em que as relações de bem-estar entre o ser humano e a natureza sejam de aceitação e respeito.

Nós, seres vivos, somos sistemas determinados em nossa estrutura. Isso quer dizer que somos sistemas tais que, quando algo externo incide sobre nós, o que acontece

conosco depende de nós, de nossa estrutura nesse momento, e não de algo externo (MATURANA, 2005, p. 27).

Para Maturana (2005), a educação precisa ter um para que, envolver o educar no “[...] aprender a aceitar-nos e a respeitar-nos como indivíduos” MATURANA (2005, p. 35). Ainda, segundo ele, isso se dá nas ações que são construídas nas relações, mas de uma maneira autônoma e partilhada ao mesmo tempo. Atribui grande importância ao relacionar-se, mantendo a responsabilidade do ser humano por suas decisões.

Nessa perspectiva, a educação se abre no âmbito da preocupação com a identificação das relações dos elementos biológicos, culturais e sociais indispensáveis na formação do ser humano. Desse modo, conforme o autor, podemos compreender a educação como “sistema educacional” que configura um mundo, e os educandos confirmam, em seu viver, o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao serem educados no educar. Educar, para Maturana (2005, p. 29), é

[...] um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente.

Maturana (2005), em suas reflexões, assinala que o ato de educar um ser humano se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem.

Com a educação, o ser humano pode se construir, firmar, trocar aos pares culturalmente, capacitando-se para transformações tanto materiais quanto espirituais. A educação, nas suas diferentes concepções, pode ser o cerne do desenvolvimento social. Sem ela, acreditamos que até mesmo as sociedades mais avançadas tecnologicamente retornariam à situação de barbárie em pouco tempo.

Complementando a compreensão sobre as possibilidades da educação, Morin (2003, p. 103) diz:

A educação deve colaborar com o abandono da concepção do progresso como certeza histórica, para fazer dela uma possibilidade incerta; deve compreender que nenhum desenvolvimento é adquirido para sempre, porque, como todas as coisas vivas e humanas, o desenvolvimento encontra-se submetido ao princípio de degradação e deve regenerar-se incessantemente.

Para que essas mudanças estruturais ocorram, o autor nos aponta a linguagem e a interação com o meio, como elementos basilares para estabelecer redes de conversações e de congruência, possibilitando a esses humanos escutar e dialogar uns com os outros, fazendo deles verdadeiros outros. Nesse sentido, Maturana (2005, p. 59-60) afirma que:

Toda interação implica num encontro estrutural entre os que interagem, e todo encontro estrutural resulta num desencadilhamento ou num desencadeamento de mudanças estruturais entre os participantes do encontro. O resultado disto é que, cada vez que encontros recorrentes acontecem, ocorrem mudanças estruturais que seguem um curso contingente com o curso desses. Isto acontece conosco no viver cotidiano, de tal modo que, apesar de estarmos, como seres vivos, em contínua mudança estrutural espontânea e reativa, o curso de nossa mudança estrutural espontânea e reativa se faz de maneira contingente com a história de nossas interações.

A educação, nessa perspectiva, possibilita o reconhecimento de cada ser e, ao reconhecer-se, podem desenvolver suas potencialidades, ajustar as estruturas adaptando às partes de corpo, psiquismo e razão a todo o momento, para manter a congruência com o meio que lhe permite viver e seguir vivendo.

Maturana (2005) parte do princípio que nos coordenamos uns com os outros, de maneira que nossa estrutura e o meio permitem, por meio da linguagem humana, na verdade um linguajar. Palavras, gestos e emoções nos definem a cada instante.

Maturana (2005) nos instiga a refletir que, no momento atual, caberia uma educação voltada para o desenvolvimento humano, por meio da interação pelo linguajar, pelos encontros e pela interação com o outro. Diante desses argumentos, podemos tomar como base a linguagem para dinamizar as idéias, as construções, as indagações, as trocas, as reflexões, a nos lançarem no caminho da evolução, do estar e crescer juntos com o outro.

Neste viés da educação como formadora de seres humanos, Read (2001, p. 9) pressupõe como desígnio para a educação: “Propiciar o crescimento do que é individual em

cada ser humano, ao mesmo tempo em que harmoniza a individualidade assim desenvolvida com a unidade orgânica do grupo social ao qual o indivíduo pertence.” Desta forma percebe-se que a educação informal de uma pessoa poderá ser constituída pelo ambiente cultural em que ela vive, o meio em que ela está inserida, ou seja, podendo ser chamada de uma “herança cultural”, como afirma Maturana (2005).

Atualmente essa herança cultural, segundo Bauman (2005, p. 57), encontra-se ameaçada, diante dos desejos impostos pela sociedade contemporânea, “que vivemos em uma era líquida moderna, em que as relações humanas de afetividade são comprometidas pela velocidade com que os laços humanos se mostram mais frágeis”. Esse conjunto de imposições vivenciadas cotidianamente, pelo ser humano, na sociedade contemporânea, é esmagador, ameaçando os projetos de vivências e convivências. O contexto apresentado por Baumann fortalece e confirma que a ação educativa é uma contribuição de cada um ao conhecer-se e compreender-se melhor.

Na entrevista de Bauman (2009), ele afirma o que considera um dos desafios decisivos para a educação humana: a outorga dos poderes aos seres humanos requer a capacidade de fazer escolhas e de agir eficazmente com base nas escolhas feitas, mas requer também a construção e a reconstrução de vínculos interpessoais. Requer ainda a vontade e a capacidade de empenhar-se continuamente, junto com os outros, para criar uma convivência humana em ambientes hospitaleiros e amigáveis. Também considera relevante uma cooperação entre os homens e as mulheres na busca pela auto-estima, voltada para o enriquecimento recíproco, para o desenvolvimento das potencialidades dos diversos sujeitos e para o desfrute adequado das suas capacidades.

Resume sua fala considerando que um dos desafios decisivos da educação permanente para a "outorga de poderes" está ligado à reconstrução do espaço público, hoje cada vez mais desabitado, no qual homens e mulheres possam empenhar-se numa realização contínua dos interesses, dos direitos e dos deveres individuais e comunitários, privados e públicos.

Read (2001) apresenta dois objetivos vitais para a educação: O ser humano deveria ser educado para se tornar o que é, e deveria ser educado para tornar-se o que não é. O ser humano deve ser quem ele é. Cada ser humano tem suas características próprias que devem ser mantidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que no processo de transformar e transformar-se, os seres humanos vivenciam o processo de educação.

Nesse processo, as pessoas refletem e representam, por meio de símbolos, o mundo em que vivem. Esse aspecto, contido no ato de educar, faz com que o ser humano se preocupe em compartilhar suas experiências cotidianas e acumuladas ao longo da história para seus descendentes. A educação caracteriza-se, portanto, como um conjunto de atitudes de reprodução e transformação.

A educação tem, sem dúvida, como percebemos pelas contribuições de alguns teóricos, no viés histórico cultural, no viés da Biologia Cultural, como nos apontam Maturana e Yáñez, um papel importante a desempenhar. Seja ela formal ou informal, o fim é o mesmo, ou seja, construir e proporcionar ao ser humano conhecimentos que os tornem aptos a atuar e viver em dinâmica colaborativa nos diversos espaços, respeitando o outro humano em suas particularidades e diferenças.

Cuidar da interioridade do ser humano e cuidar do espírito é desenvolver a autoestima e reconhecer a amorosidade presente em sua própria humanidade. É tornar possível a expressão de sentimentos, talentos e capacidades, para situar-se como sujeito e não como objeto num mundo incerto e mutante de uma maneira mais competente, sadia e sábia. (MORAES, 2008).

Educar é criar espaços para o ser aprendente, um espaço acolhedor, desafiante, amoroso. Um espaço no qual o aprendente saiba discernir o que é ilusão, para que possa captar a essência das coisas, da natureza e da vida, tudo isso atrelado ao diálogo contínuo com o ser.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

_____. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba: Editora da UFPR, n. 17, p. 153-176, 2001.

- _____. Prática educativa, pedagogia e didática. In; **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 15-31.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do Conhecimento** – As bases biológicas da Compreensão Humana. São Paulo: Palas Athenas. 2001.
- _____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 4ª. Reimpressão, Belo Horizonte: Ed. Editora UFMG. 2005.
- _____. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. 2ª reimpressão, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- _____; VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano**, 1ª reimpressão, Editora Palas Athena, 2006.
- _____; YÁNÊZ, Dávila Ximena. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**; Tradução de Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes: Complexidade, Transdisciplinariedade e Educação: Novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/WHH- Willis Harmann House, 2008.
- MORIN, Edgar. **Educar na era Planetária**. O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Edgar Morin, Emilio-Roger Ciurana, Raúl Domingo Motta; tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo, Cortez, 2003.
- PORCHEDDU, Alba, Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. **Desafios pedagógicos e modernidade líquida**. Cadernos de Pesquisa, versão impressa ISSN-0100-1574. Espaço Plural, Vol. 39 n° 137, São Paulo maio/agosto 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>.
- READ, Herbert. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.